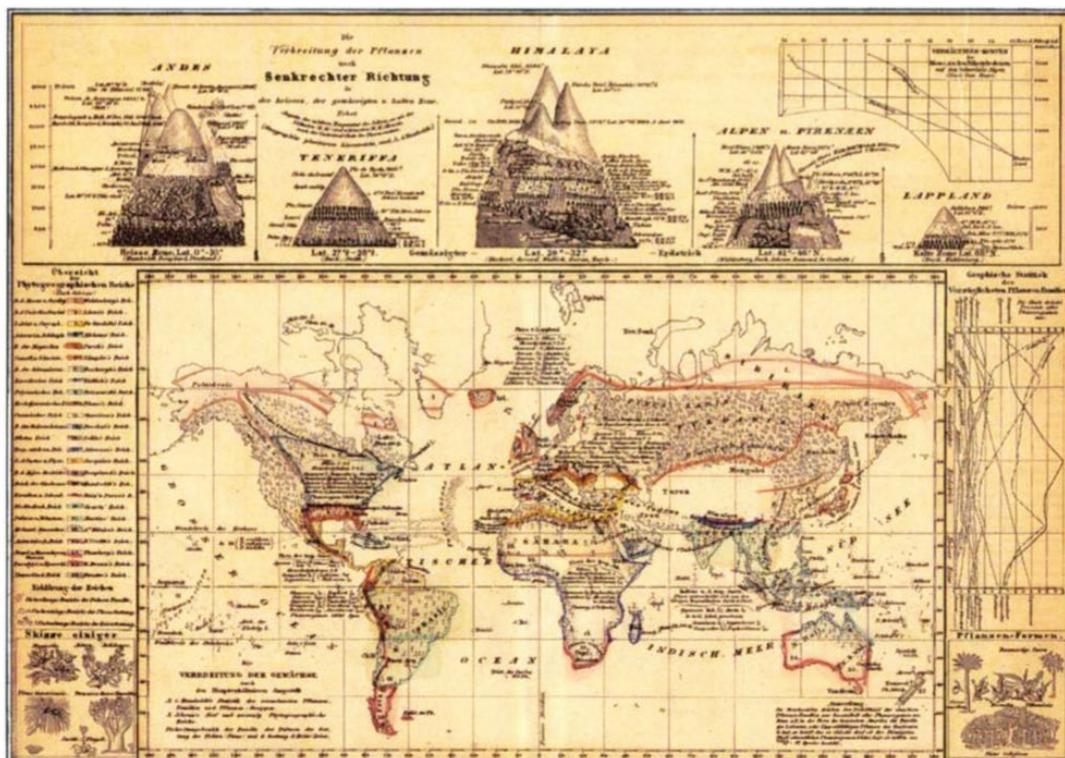


CADERNOS DE GEOGRAFIA

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
 FACULDADE DE LETRAS • UNIVERSIDADE DE COIMBRA
 COIMBRA 1995 N.º 14



DISTRITOS INDUSTRIAIS NO DESENVOLVIMENTO RECENTE DE PORTUGAL: O CASO DO CENTRO-LITORAL*

Lucília Caetano**

RESUMO

As transformações político-económicas, ocorridas em Portugal após a Revolução de Abril de 1974, favoreceram o desenvolvimento de novos distritos industriais na faixa litoral centro e norte. A cidade do Porto e os eixos viários principais que estruturam o território, incluindo a Estrada EN1 que a liga a Lisboa, orientaram a localização das indústrias. A autora analisa dois distritos: o de Águeda (44 000 hab.) e o da Marinha Grande (32 200 hab.) especializados, respectivamente, em produtos metálicos e nos moldes para os plásticos. Caracterizam-se pela predominância das PME, origem local do capital, subcontratação e exportação e, ainda, pela crescente indiferenciação entre a cidade e o campo. A intensidade de relações entre as empresas explica que estes distritos registem as mais elevadas taxas de crescimento industrial do País, apesar das carências, a nível das infraestruturas e dos serviços, observadas no território.

Palavras-chave: Distritos industriais. Subcontratação. Redes de empresas. Portugal.

RÉSUMÉ

Au Portugal, les nouveaux districts industriels sont apparus au moment de la rupture de 1974 et de la révolution d'avril, autour de Porto et le long de la route qui la relie à Lisbonne. L'auteur fonde son analyse sur deux districts, celui d'Águeda (44 000 hab.) spécialisé sur les produits en métal et celui de Marinha Grande (32 200 hab.) pour les moules destinés au travail des plastiques. Les caractéristiques sont la prépondérance des PME, l'origine locale du capital, le rôle joué par la sous-traitance, le développement des exportations, l'interpénétration croissante de la ville et de la campagne. En dépit de la faiblesse de l'environnement économique, l'intensité des relations entre les entreprises explique que ces districts connaissent le plus fort taux de croissance industrielle du pays.

Mots-clés: District industriel. Soustraitance. Réseau d'entreprise. Portugal.

ABSTRACT

In Portugal the appearance of new industrial districts around Oporto and along the coast region to Lisbon coincided with the economic downturn of 1974 and the April Revolution. The author's analysis is based on the two districts of Águeda (44 000 inhabitants), specialising in metal products, and Marinha Grande (32 200 inhabitants), orientated towards the production of moulds for the plastics industry. The major characteristics of these two areas are the domination of SMEs, the local origin of capital, the role played by subcontracting, the growth of exports and the increasing interrelationships between urban and rural areas. Despite the weak development of the local economic environment, the strength of inter-industrial linkages ensures that these two districts feature the country's highest rates of industrial growth.

Key-words: Industrial district. Subcontracting. Company networks. Portugal.

* Com o patrocínio do DGOTDU.

** Instituto de Estudos Geográficos. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.

A década de 70 constitui charneira na logística industrial. A mutação tecnológica e económica força o surgimento de novos modelos da organização dos processos de produção sob a forma de segmentação crescente, reestruturação das relações entre indústrias e entre empresas e realocização. Os factores estruturais favorecem a emergência de dinâmicas de desenvolvimento cujas expressões, muito diversificadas, dependem da especificidade do ambiente económico, social e cultural dos territórios.

Estas alterações, no caso de Portugal, foram reforçadas nos seus efeitos, pelas transformações político-económicas do pós-Abril de 1974. Neste contexto, a abolição da *Lei do Condicionamento Industrial*, por Decreto-Lei nº523/74 de 10 Outubro, permitiu a concretização de pequenos negócios (P.M.E.s) difundidos territorialmente, sobretudo no meio rural. Trata-se de um processo de desenvolvimento baseado numa estratégia endógena, envolvendo agentes inovadores, mobilização de poupanças, valorização de recursos locais e sistemas de apoio nacional e local (QUÉVIT, 1986; BARQUERO, 1988; HOUSSEL, 1990). Este processo corresponde ao modelo de desenvolvimento que a *Terceira Itália* conheceu na década de 70 e que se propagou a outros territórios da Europa meridional.

O tipo de desenvolvimento seguido por cada território é condicionado pela sedimentação de funções e de actividades e pelo papel que desempenha no cenário económico em que está integrado. As relações entre empresas e entre indústrias e as que se estabelecem entre indústrias e serviços contribuem não apenas para a consolidação dos sistemas de produção (GAROFOLI, 1982), mas permitem também uma integração local, regional e um desenvolvimento coerente. A introdução de inovações no processo produtivo conduz à individualização de *sistemas produtivos locais* com as características do *distrito marshalliano*, definidos como “uma entidade socio-territorial caracterizada pela coexistência activa duma comunidade aberta de indivíduos e de uma justaposição segmentada de empresas” (BECATTINI, 1992, p.159). Estes distritos industriais emergem na faixa litoral do País, dita central.

1. ESTRUTURA TERRITORIAL DA INDÚSTRIA

A geografia do tecido produtivo português reflecte a litoralização da economia. A diluição gradual da actividade permite distinguir três *regiões* (Fig. 1):

1 - Uma *região dita central* onde se situam cerca de 83% das empresas, 92% dos empregos e 94% do volume de negócios da indústria nacional. Esta região, é dominada pelo *pólo Lisboa-Setúbal* que concentra um extenso leque de actividades, de equipamentos e de nichos de inovação tecnológica e representa 46,6% do V.A. (valor acrescentado), 40% do volume de negócios da actividade industrial e cerca de 73% dos quadros superiores e médios.

A *Área Metropolitana do Porto* constitui um *pólo secundário*. O volume de negócios realizados pela indústria

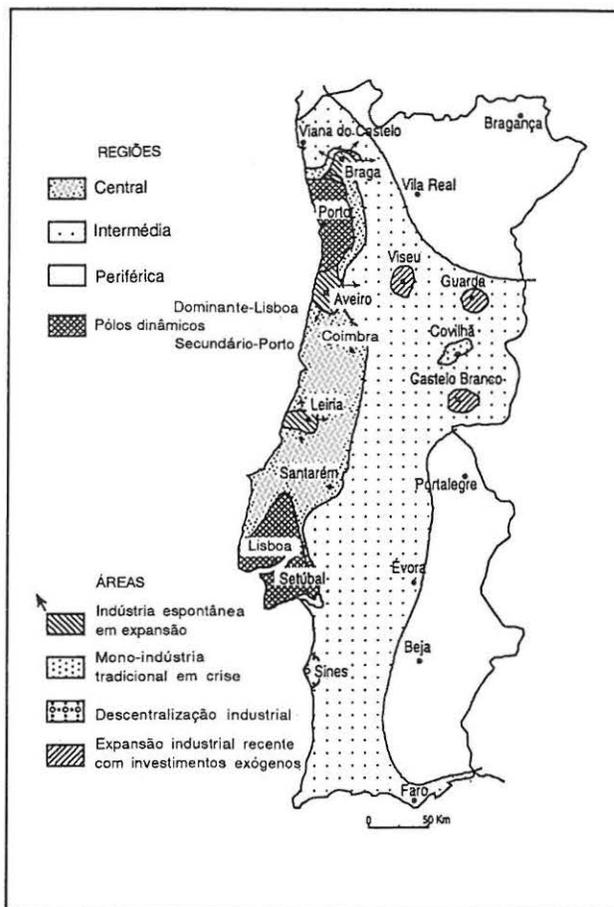


Fig. 1 - Regionalização da dinâmica da industrialização

representa apenas 17%. Situação que está em conformidade com as características do tecido produtivo: as indústrias de bens de consumo representam 65,7% (43,8% são têxteis e confecção), bens intermédios, 20,5% e bens de equipamento, 13,8%. Neste contexto, os quadros médios e superiores não ultrapassam 13,5% do total nacional.

No espaço urbano-industrial que medeia estes dois pólos desenvolvem-se *sistemas produtivos locais integrados* em plena expansão. Segundo a classificação proposta por GAROFOLI (1992, p. 64), distinguem-se:

- *áreas de especialização produtiva* caracterizadas pela predominância de um sector e pelo elevado grau de competitividade entre os fabricantes de produtos idênticos ou similares. A estrutura, de tipo horizontal, depende fortemente de mercados externos. São exemplo Braga, para o têxtil e confecção, e S. João da Madeira, para o calçado;

- *sistemas produtivos locais* dotados de áreas de especialização podendo ser monosectoriais, onde existem intensas relações inter-firmas, apoiadas na subcontratação,

o que confere uma maior integração ao sistema, como se verifica na Marinha Grande nos moldes para produtos em plástico;

- *áreas-sistemas* caracterizadas por profusa divisão do trabalho entre firmas de actividades diversificadas com trocas inter e intra-indústrias. As indústrias de produtos metálicos, eléctricos e das madeiras formam em Águeda, um bom exemplo.

2 - *A região intermédia* regista níveis mais baixos de desenvolvimento e a actividade está limitada às sedes de *distrito*. Detém, apenas, 12,5% das empresas, 7,1% do emprego e 5,2% do volume de negócios do conjunto da indústria. O sector terciário é de tipo arcaico, com a preponderância do pequeno comércio, profissões liberais e serviços domésticos. As redes de infra-estruturas e de equipamentos é insuficiente. Nesta região distinguem-se, no entanto, algumas áreas de produção especializada, coincidentes com a tipologia apresentada por GAROFOLI (1983, citado por SEGRE, 1986, p. 138):

- *sistemas produtivos locais de formação recente* em expansão, que beneficiam de investimentos estrangeiros, como a Guarda, Castelo Branco e Viseu;

- *áreas de especialização tradicional* atingidas por crise progressiva, como a Covilhã (indústria dos lanifícios da Serra da Estrela);

- *área de descentralização espacial* de indústria de capital intensivo, criada segundo o modelo dos anos 60, em Sines (complexo petroquímico).

3 - *A região periférica* sub-industrializada contribui com menos de 5% para o V.A. nacional. É caracterizada pela marginalização e estagnação das actividades agro-pastoris.

1.1. Distritos industriais recentes na região central

Identificam-se os sistemas produtivos locais pelo nome dos produtos que aí são fabricados e pelo nome do *concelho* (Fig. 2). Estes constituem referência para o comércio especializado, como salienta BECATTINI (1990, p.16). São os concelhos de Barcelos para os artigos de vestuário e a cerâmica, Paços de Ferreira e Paredes para os móveis em madeira, Feira para os produtos em cortiça, Oliveira de Azeméis e S. João da Madeira para o calçado, Águeda para as ferragens, veículos de duas rodas e componentes, Marinha Grande para os vidros e os moldes. A concentração do emprego e de estabelecimentos, no ramo de indústria identificador, ultrapassa 25% do total local e pelo menos 5% do total nacional. São *áreas-sistema* integradas, com divisão funcional do trabalho ligada à subcontratação. Estes distritos industriais distinguem-se pela vitalidade económica, testemunhada pela proliferação de empresas e pelo afluxo de população. A especificidade está relacionada tanto com a história, como com as condições geo-económicas actuais. Assiste-se ao aparecimento ou à consolidação

de actividades tradicionais com substituição das oficinas artesanais pelas fábricas. Estes distritos funcionam como pólos de crescimento, graças ao desenvolvimento conjunto da indústria e dos serviços.

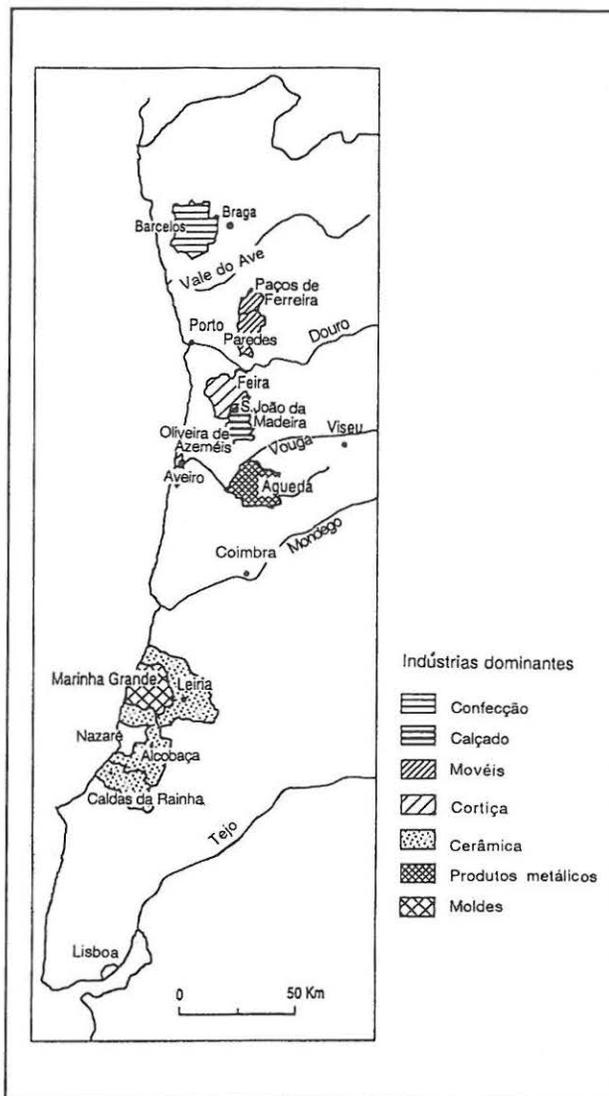


Fig. 2 - Os distritos industriais marshallianos na região central

De entre os distritos industriais destacámos para análise os de Águeda e da Marinha Grande, paradigmáticos no desenvolvimento industrial recente de Portugal. O primeiro originado a partir da industrialização de um espaço rural, enquanto o segundo resulta da reconversão de um espaço industrial.

2. ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DOS DISTRITOS INDUSTRIAIS

2.1 - Divisão do trabalho e flexibilidade produtiva

Distrito metalúrgico de Águeda

Predominam as pequenas e médias empresas (PMEs): 75,6% dos estabelecimentos têm menos de 50 trabalhadores e 24,3% menos de 10. Águeda especializou-se nos produtos metálicos que representam cerca de 60% dos assalariados e dos estabelecimentos (Quadro I). As ferragens, veículos de duas rodas, móveis metálicos e ainda a cerâmica são os sectores mais antigos e onde se encontram os estabelecimentos de maior dimensão. A produção de máquinas e ferramentas, de instrumentos de medida e controle, artigos de desporto e de campismo, acessórios e componentes para automóveis e motocicletas, aparelhos eléctricos (frigoríficos, electrodomésticos, painéis solares, faróis para veículos...), acessórios em plásticos e, ainda, caravanas e barcos de recreio, etc., desenvolveu-se após 1970.

As empresas, sobretudo as de maior dimensão, cujos mercados são exteriores à região, localizam-se ao longo da estrada principal (EN1). O alinhamento das fábricas, de linhas modernas, dominadas pelo nome da firma e das marcas, faz com que beneficiem duma publicidade gratuita e eficaz. Assim, a estrada transforma-se numa *rua de fábricas* (Fig. 3 e Fot. 1).

A indústria retira vantagens dos baixos salários auferidos por uma mão-de-obra abundante e pouco exigente, em função do seu baixo nível de formação. Facto habitual nos espaços rurais e que está interligado com a complementaridade dos rendimentos agrícola e industrial e com a presença da economia subterrânea. Por outro lado, a existência dum grande número de PMEs é considerado, habitualmente, como o “cordão umbilical que liga a actividade industrial, propriamente dita, e o mundo subterrâneo do trabalho negro” ao domicílio (BECATTINI, 1990, p. 14). Além disto, impõe-se que se considere a subcontratação, responsável pela reforço da segmentação do processo produtivo no quadro da especialização flexível. São, inclusivé, postos em prática velhos sistemas do capitalismo comercial, como o *fabricante por empreitada*, que corresponde ao fabricante *sem fábrica*, frequente no séc. XIX. Este concebe o produto, adquire a matéria-prima, distribui as diferentes fases da produção entre os subcontratados e comercializa o produto final. São produtos de qualidade, inovados (design e criatividade) e obtidos a preços competitivos, que se adaptam facilmente às exigências do mercado. O crescimento progressivo da indústria (Quadro II) processa-se por acumulação de uma cultura técnica de origem local (Quadro III), pois que 83% dos empresários são naturais do concelho. Esta capacidade de promover, rapidamente, a multiplicação do tecido económico é uma qualidade com desenvolvimento recente.

Quadro I - Distribuição da indústria por sectores no concelho de Águeda, 1992

	Estabelecimentos		Emprego		Emprego por estabelecimento			
		%		%	<9	10-49	50-99	>100
Alimentação e bebidas	12	2,9	117	0,8	4	7	1	
Têxteis e confecção	35	8,4	2211	15,5	8	13	9	5
Madeiras	43	10,4	961	6,7	16	24	3	
Artes gráficas	15	3,6	349	2,5	4	9	1	1
Produtos em plástico	14	3,4	157	1,1	6	8		
Cerâmica	49	11,8	1995	13,9	4	23	17	5
Produtos metálicos	247	59,5	8474	59,5	59	129	32	27
Mobiliário metálico	28	6,7	1530	10,7	4	13	7	4
Ferragens	46	11,1	2090	14,6	7	26	4	9
Máquinas-ferramentas	11	2,7	150	1	3	5	3	
Material eléctrico	19	4,5	550	3,9	4	14		1
Veículos de 2 rodas	46	11,1	2340	16,5	5	19	13	9
Prod. metálicos diversos	97	23,4	1814	12,8	36	52	5	4
Total	415		14264		101	213	63	38
		100%		100%	24,3%	51,3%	15,2%	9,2%

Fonte: MESS (Ministérios do Emprego e da Segurança Social), Lisboa.

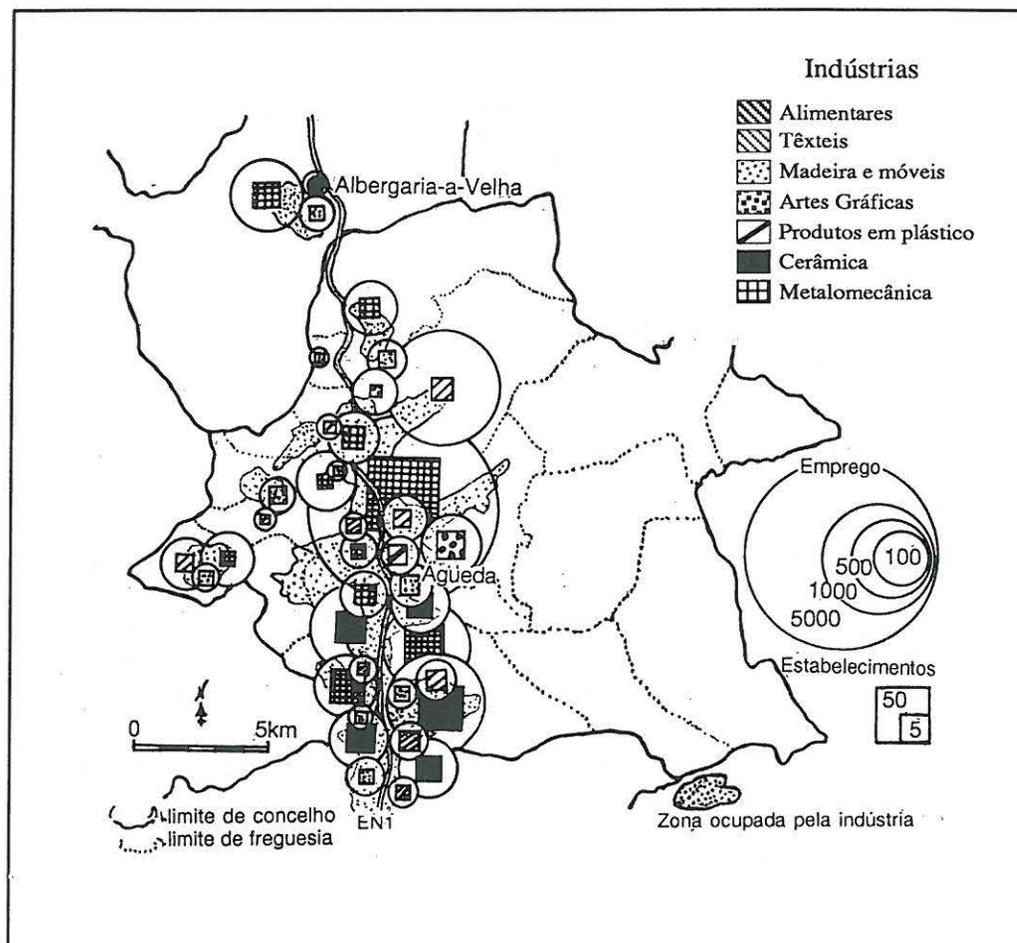


Fig. 3 - Os estabelecimentos industriais no concelho de Águeda
 Fonte: L. CAETANO, 1986, p. 524 e 526

Quadro II - Evolução das actividades no concelho de Águeda

	Sectores (%)			Indústria	
	I	II	III	Estabelecimentos	Emprego
1950	61,8	23,2	15,0		
1970	26,7	53,8	19,5		
1981	20,0	60,0	20,0		
1985				310	10730
1989				380	13501
1991	10,9	53,6	35,5	415*	14264*
92/85				+25,3%	+32,9%

* 1992

Fontes: CAETANO, 1986; INE (Instituto Nacional de Estatística) e MESS, Lisboa.



Fot. 1 - Alinhamento das fábricas em Vale do Grou - Águeda.
EN1 transformada em *rua de fábricas* (foto da autora)

Quadro III - Factores de localização em Águeda
(frequência das citações em %)

Mercado local	48,2
Disponibilidade de terreno e/ou edifício	44,0
Ambiente económico	42,9
Mão-de-obra	35,7
Razões pessoais dos empresários (lugar de nascimento e de residência)	31,3

300 empresários inquiridos. Fonte: CAETANO, 1986.

2.2. Concorrência e solidariedade

A iniciativa empresarial provém na maior parte dos casos de antigos operários: 43% para o conjunto e 54% no sector metalúrgico. Eles iniciam-se em pequenos negócios e adquirem simultaneamente um estatuto social no interior da nova burguesia local. Esta apoia-se numa filosofia de vida, principalmente centrada na afirmação do indivíduo e da família e a participação na comunidade local. O rápido êxito alcançado por estes negócios e a facilidade técnica de os pôr em prática estimula a propagação por imitação. As novas iniciativas são orientadas para ramos de indústria menos exigentes em capital, em tecnologia e em custos de instalação, como os produtos metálicos e, sobretudo, produção e ultimação de peças e componentes. O arranque destas iniciativas é facilitado pela integração nas redes de subcontratação, o que permite adquirir experiência. Só numa fase de amadurecimento se lançam na fabricação de um produto próprio. A criação de PME's é fomentada pelas grandes empresas, que nelas encontram um prolongamento da própria actividade que podem controlar. É, também, frequente o agrupamento de empresas no quadro familiar. Não é raro encontrar dinastias de patrões, como se observa em mais de um terço das empresas actuais de ferragens e veículos de duas rodas.

2.3. Fundamentos do dinamismo do distrito industrial

A urbe de Águeda constitui-se num importante mercado regional, no contacto da planície litoral com o maciço antigo, à volta do porto fluvial, muito frequentado, no Águeda-Vouga e no cruzamento da estrada de Lisboa-Porto com a estrada para o interior. No início do século XIX, os ferreiros são, aí, já numerosos e a produção de telhas, tijolos e louça aumenta em função da exploração das argilas. Entretanto, a fabricação de ferragens (fechaduras) desenvolve-se por iniciativa de *Domingos Pinto*, que em 1899 contrata um jovem operário, *Joaquim Valente de Almeida*, que rapidamente se salienta pela perfeição da sua produção. A capacidade inventiva, associada ao dina-

mismo e à experiência adquirida nas oficinas onde trabalhou, permitiu-lhe criar em 1911 a sua própria fábrica. Estas *empresas* funcionaram, efectivamente, como escolas de formação de mão-de-obra qualificada. Simultaneamente, uma família de artesãos, *Ferreira Sucena*, fabrica material agrícola e peças em ferro para veículos de tracção animal e selas. A partir de 1911 começa a produzir selins de bicicletas para um fabricante inglês. Em 1939 a empresa fabrica bicicletas sob a sua própria marca e mais tarde, nos anos 50, os motociclos com a marca E.F.S. (*Eurico Ferreira Sucena*). Quase todos os patrões actuais deste sub-sector fizeram a aprendizagem nesta fábrica. Instalada em 1963 no sub-sector do mobiliário metálico, a firma *Handy Portuguesa*, filial de uma sociedade inglesa, desempenhou papel semelhante. Estas empresas funcionaram como *pólos de crescimento* e estão na origem do progresso que se afirma nos meados dos anos 60 (Fig. 4). Acresce a criação, em 1927, de uma *Escola Técnica* que teve papel preponderante na formação da mão-de-obra qualificada na mecânica e no trabalho dos metais. Além disso, formou gestores e contabilistas.

Distrito da Marinha Grande

O concelho especializou-se no trabalho do vidro desde 1748, e, quando este ramo se reestrutura para encontrar uma saída para a crise, o desenvolvimento da fabricação dos moldes em aço contribui de modo decisivo para atenuar o impacto do desemprego na actividade tradicional (Quadro IV).

Emergência do sub-sector dos moldes para os plásticos

Em 1984, contavam-se cerca de 100 estabelecimentos no ramo dos moldes e componentes, destinados à transformação de matérias plásticas, que empregavam cerca de 3000 assalariados. Entre 1984 e 1988, este sub-sector conhece um crescimento de cerca de 17% para o número de estabelecimentos que passa a 120 e de 25% para o número de assalariados que atingem cerca de 4000. Entretanto, a produção aumenta a partir de 1960, passando de 41 ton. para 612,8 em 1970 e 1491,7 ton. em 1980. Este sub-sector teve a sua origem nos finais dos anos 20, com a fabricação de moldes destinados à indústria do vidro, a fim de substituir as importações provenientes da Alemanha e da Áustria. Em 1936, *Aníbal H. Abrantes* fabrica os primeiros moldes destinados aos plásticos. Mas é, todavia, durante a Segunda Guerra Mundial que esta actividade progride, tendo acesso aos mercados britânicos desde 1945 e posteriormente aos americanos.

Esta indústria tem níveis de produtividade e de equipamento tecnológico superiores à média da indústria nacional. A competitividade alcançada está alicerçada não somente no recurso à mão-de-obra barata, mas também a processos sofisticados de trabalho. A concepção e produção assistidas por computador estão generalizadas (CAD/CAM). A exportação é o principal destinatário da produção que chega a atingir 90% das vendas.

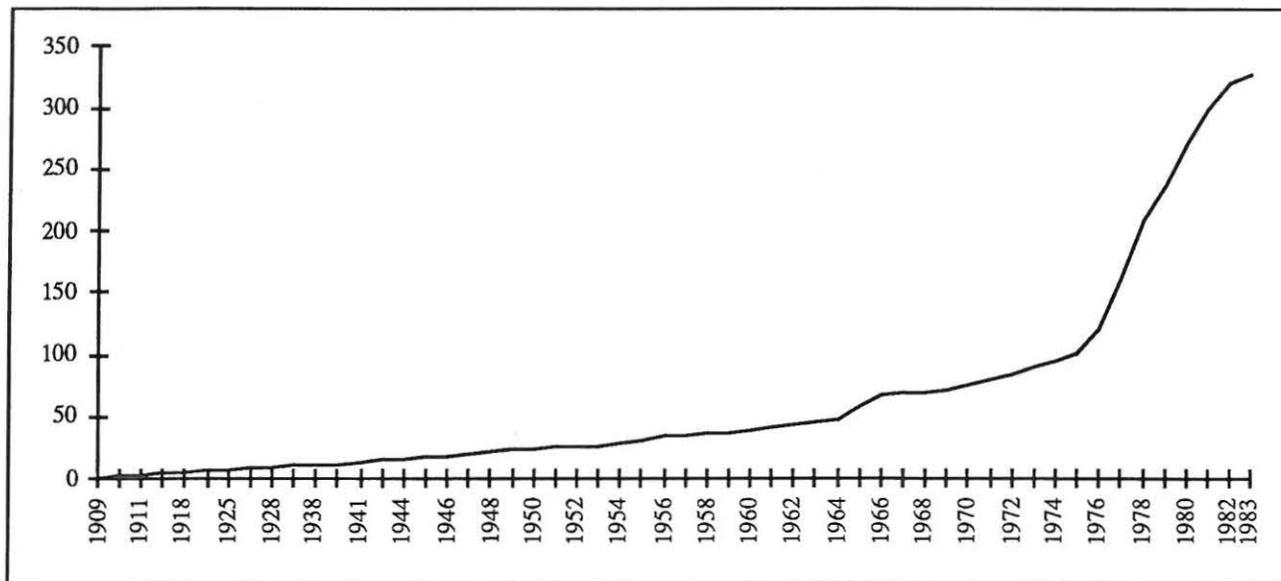


Fig. 4 - Evolução do número de empresas em Águeda entre 1909 e 1983

Fonte: L. CAETANO, 1986, p. 531 e dados inéditos.

Quadro IV - Evolução do emprego no concelho da Marinha Grande

Sector	I (%)	II (%)	III (%)	Total	Vidro (%)	Moldes (%)	Plásticos (%)	Total Parcial
1950	10,0	72,0	17,7	6449	75,2	14,7	0,2	4476
1960	6,1	76,7	17,2	8010	65,7	20,8	2,1	6140
1981	1,9	65,8	32,3	12225	54,0	20,3	9,4	8040
1991	1,0	63,1	35,9	14049	44,4	39,6	16,0	7048
Portugal	10,5	38,5	51,0					

Fonte: INE, Lisboa.

Maioritariamente, as empresas são PME's cujo volume de negócios oscila entre 1,5 e 65 milhões de escudos por ano. 60% destas empresas empregam menos de 20 pessoas e as restantes 40% empregam, em idêntica proporção, respectivamente entre 50 e 100 e entre 200 e 300 trabalhadores. Quase exclusivamente, tiveram origem em pequenas oficinas que se desenvolveram rapidamente. As novas empresas são fundadas por jovens (25 a 30 anos), possuindo uma formação técnica e tendo já experiência como trabalhadores, no mesmo sector (concepção do molde e fabricação). Convém sublinhar que a maior parte deles passaram pela fábrica *Aníbal H. Abrantes*, sociedade integrada, actualmente, no Grupo *Iberomoldes* e que funcionou como uma verdadeira escola da indústria de moldes. No espaço de 40 anos, de 1946 a 1986, esta firma

deu origem a 52 novas firmas que por sua vez geraram outras.

As empresas especializam-se nas diferentes fases do processo produtivo, desde a concepção ao acabamento do molde (polimento, por ex.), o que facilita o estabelecimento das relações de subcontratação, quer em termos de capacidade, quer de competência. Estas estabelecem-se em cascata a partir das empresas de maior dimensão. Observa-se, assim, uma segmentação do processo produtivo, no quadro de uma especialização flexível. O declínio dos principais clientes e a concorrência dos países da Europa de Leste, sobretudo República Checa, têm tido repercussões sobre a actividade das pequenas empresas que trabalham em subcontratação.

2.4. Sistema de crédito local

Origem familiar e local do capital

Na generalidade, o capital inicial das firmas provém das poupanças realizadas pelo próprio empresário e/ou pela família. O recurso frequente à pluralidade de rendimentos permite que o salário auferido na indústria seja no todo ou em parte aforrado.

Maioritariamente, as empresas, de dimensão média, são constituídas pela associação de um ex-operário que se assume como o técnico, um contabilista ou um agente comercial (que desempenha tarefas de gestão) e um detentor do capital. Na falta deste, o capital é reunido pela participação de quantias mais ou menos importantes. Isto explica que as sociedades por quotas representem, por ex. em Águeda, 85,2% do conjunto. As iniciativas empresariais encontram, na solidariedade familiar e local, a mobilização do capital necessário para se concretizarem. Os laços familiares são frequentes entre os associados. É, também, comum, a participação no capital de outras empresas, aplicando, deste modo, em novas iniciativas os lucros libertados do exercício em firmas constituídas. Em Águeda, 28,6% das empresas têm associados em comum ou detêm parte do capital de outra sociedade. Esta diluição do capital explica que o recurso a empréstimos bancários seja irrelevante, e que, somente, em 3% dos casos a unidade de produção não coincide com a sede social.

3. MERCADOS E RECIPROCIDADES: REGULAÇÃO LOCAL

3.1. Sistema de relações inter-indústrias

Importância da subcontratação

A segmentação do processo produtivo permite que uma percentagem elevada de produtos metálicos seja adquirida pelas empresas através de uma rede de relações a montante, a jusante ou em diagonal. Constitui-se, deste modo, uma rede de mercados locais para cada fase da produção. São as indústrias dos produtos metálicos que mais participam neste sistema; mais de 50% das peças que entram na fabricação dos veículos de duas rodas provêm do mercado local, e regra geral, por via da subcontratação. Segundo os resultados do inquérito, efectuado pela Associação Industrial, 1/3 das empresas inquiridas (300, ou seja 50% do total) são subcontratadas (Fig. 5).

Todas as categorias de subcontratação definidas por G. LORENZONI (1982) são reconhecidas: subcontratação de quantidade, subcontratação de competência, em particular para as fases complexas e de alta precisão, assim como subcontratação mista. A subcontratação em cascata parte, sobretudo, de *dadores de ordens* exteriores, nacionais e estrangeiros. As empresas subcontratadas podem ter produto próprio, da mesma forma que os dadores de ordens podem ter uma parte de actividade sujeita à subcontratação. Isto explica que a parte correspondente à

subcontratação, no volume de negócios por sector, seja inferior ao que se esperava (Figs. 5 e 6): 20% para os veículos de duas rodas, perto de 15% para os produtos em metal e 11% para as ferragens.

A Associação dos Industriais de Águeda encoraja o desenvolvimento da subcontratação através da criação e animação duma *Bolsa de Subcontratação*, da entrada na *Rede Europeia de Informação (REI)* que comunica às empresas oportunidades de mercados e evolução das tecnologias, e, ainda, organiza anualmente (a partir de 1966) *Feiras da Subcontratação*.

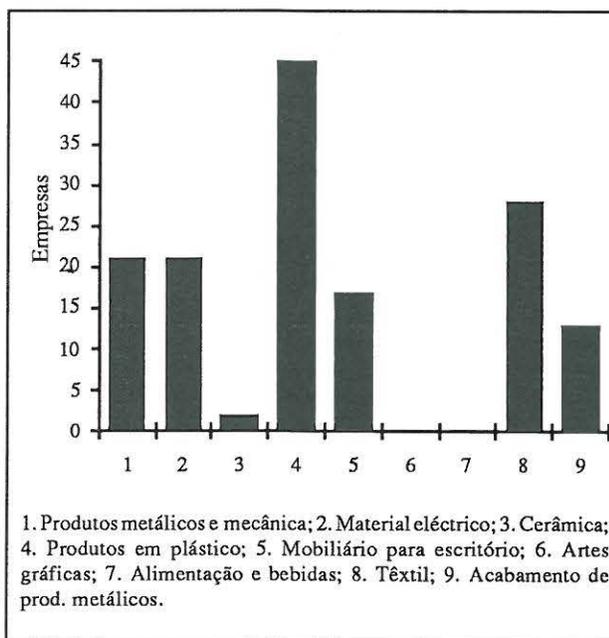


Fig. 5 - Repartição por sectores das empresas subcontratadas

Fonte: SILVA, 1987, p. 25

Em caso de desenvolvimento de novos produtos são concluídas *joint-ventures*, entre as empresas que colaboram, em parceria, na fabricação. A cooperação com empresas exteriores proporcionou a inserção em espaços económicos mais vastos, transferências de tecnologia e acesso ao crédito para os investimentos.

3.2. Internacionalização do sistema

As relações entre o sistema local dos pequenos produtores e os mercados exteriores ganham crescente amplitude. Se para a maioria das empresas as exportações não ultrapassam 15%, podem, no entanto, atingir 85% para o material eléctrico e para a cerâmica. Cerca de 30% das exportações

dirigem-se para os países da União Europeia. Os produtos metálicos são os mais exportados, quer em quantidade, quer em diversificação: bicicletas e componentes, acessórios para a indústria automóvel, móveis metálicos e ferragens. A qualidade da produção é reconhecida pelas grandes firmas multinacionais: FORD, FIAT, MITSUBISHI, PEUGEOT, RENAULT, TOYOTA, PIAGGIO, ITONOR et ENSA (Espanha), CITROEN LUSITANIA (Portugal), STROTHMANN et FISHER & KAUFMANN (Alemanha).

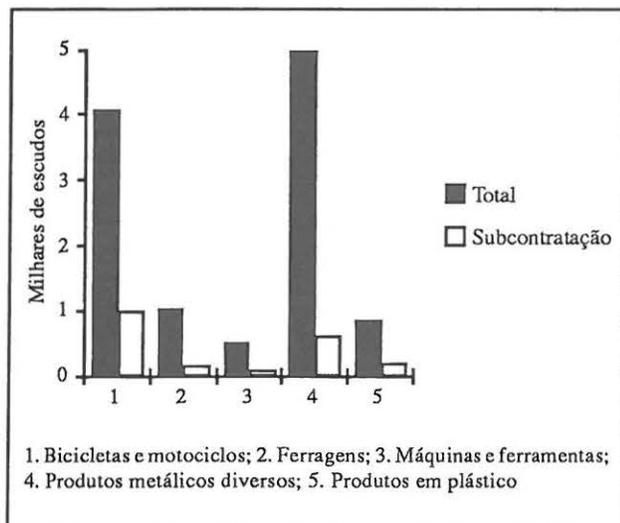


Fig. 6 - Participação da subcontratação no volume de vendas por sector

Fonte: SILVA, 1987, p. 25

No contexto da divisão internacional do trabalho, as empresas têm demonstrado capacidade de adaptação. Com efeito, 76% dos investimentos têm sido orientados para novos equipamentos (40% do parque de máquinas tem menos de 5 anos), para a criação de novos produtos, para a gestão informatizada, para as economias de energia e para o combate à poluição.

Entretanto, para os moldes fabricados na Marinha Grande, o mercado externo representa cerca de 90% das vendas. O continente americano, liderado pelos Estados Unidos, é o destino mais importante. Entre os clientes contam-se VOLVO, GENERAL ELECTRICS e ELECTROLUX.

4. ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

4.1. Indiferenciação crescente entre zonas urbanas e rurais

O exemplo do concelho de Águeda é, particularmente, revelador. As freguesias onde se localizam as fábricas e as

envolventes donde se deslocam os trabalhadores, têm registado crescimento contínuo de população (Fig. 7). O número de povoações com menos de 100 hab., decresceu 46%. Todavia, segundo o Recenseamento de 1991, Águeda com 9792 hab. não tinha atingido, ainda, o limiar dos 10 000 hab. O concelho conta 44 045 hab. contra 35 041 em 1960, ou seja, acréscimo superior a 25% e densidade acima de 130 hab./km².

As disponibilidades do mercado de trabalho não respondem à oferta, o que se traduz por uma forte mobilidade. Segundo inquérito, 40% de 3500 operários têm outro concelho por naturalidade.

Entretanto, no concelho de Marinha Grande, a população passou de 20 483 hab., em 1960, para 32 234, em 1991, correspondendo um acréscimo de 57,5%. No entanto, este processou-se, no tempo, a um ritmo desigual, em função das flutuações da actividade industrial.

No concelho de Águeda a casa rural adaptou-se, frequentemente, à dupla função de habitação e de oficina, subsistindo o parcelamento agrícola. Entre 1979 e 1989, o número de activos agrícolas, a tempo inteiro, diminuiu 66,7%, enquanto, os que exercem dupla actividade somaram mais 44%, entre 1968 e 1979, porém decresceram 19% no decénio seguinte (1979 a 1989). Simultaneamente, o número de mulheres que trabalham na exploração agrícola decresceu 36,3%. No entanto, ainda, representam 58,4% dos activos na agricultura (Quadro V). Acresce, que se assiste a um processo generalizado de extensão das zonas de habitação. Não se verifica, com efeito, concentração dos fluxos migratórios em resultado da dispersão das fábricas (Fot. 2). Circunstância que tem provocado indiferenciação crescente entre zonas urbanas e zonas rurais. No entanto, Águeda foi, somente, classificada como cidade por Decreto-Lei de Julho de 1985.

A industrialização sem ruptura com o meio de origem contribui decisivamente para o desenvolvimento geral, porém, os poderes públicos não procedem, no ritmo requerido, à instalação das infra-estruturas necessárias.

4.2. Carências do espaço económico

A multiplicação de novas empresas põe em evidência a insuficiência das vias de comunicação, da rede de distribuição de energia, solo industrial (zonas industriais) e telecomunicações. Idêntica situação se verifica para os serviços do terciário superior, em particular para o apoio técnico e investigação, apesar da criação, em 1988, dos Laboratórios Industriais de Controlo de Qualidade para os produtos eléctricos e veículos de duas rodas. Mas, é ao nível da qualificação da mão-de-obra que se situam as maiores carências. Com efeito, 86% das firmas reconhecem a necessidade de formação profissional para a adaptação às novas tecnologias de produção e de gestão. Para além disto, o mercado local de trabalho não corresponde às necessidades das empresas que são forçadas a recrutar pessoal noutras regiões.

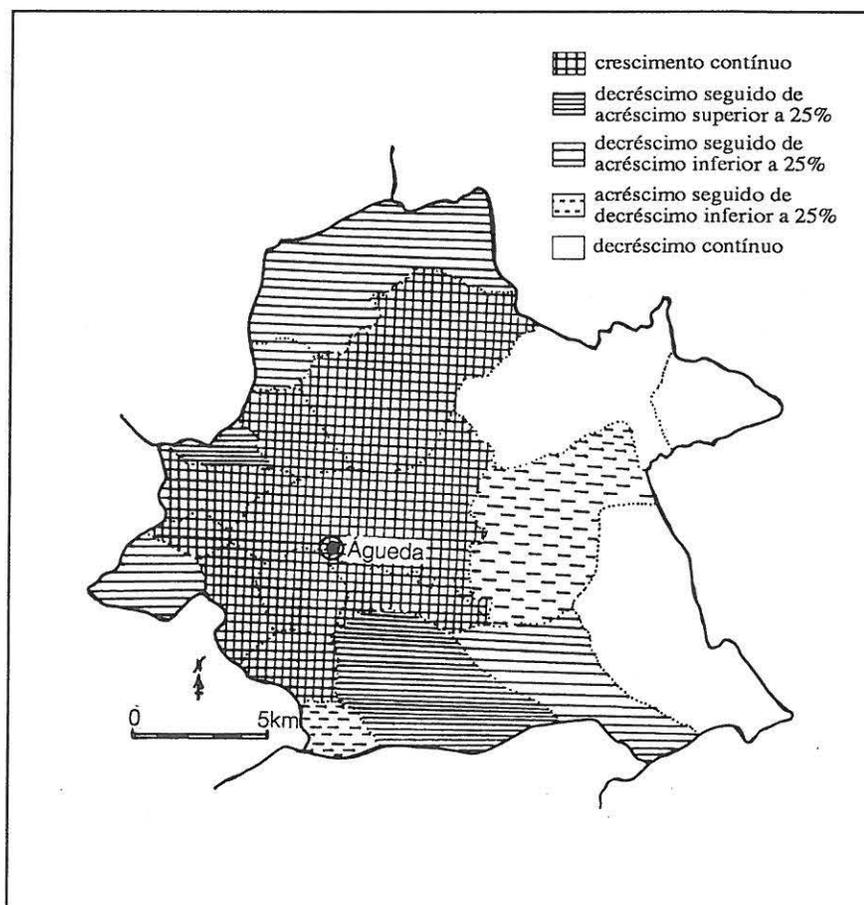
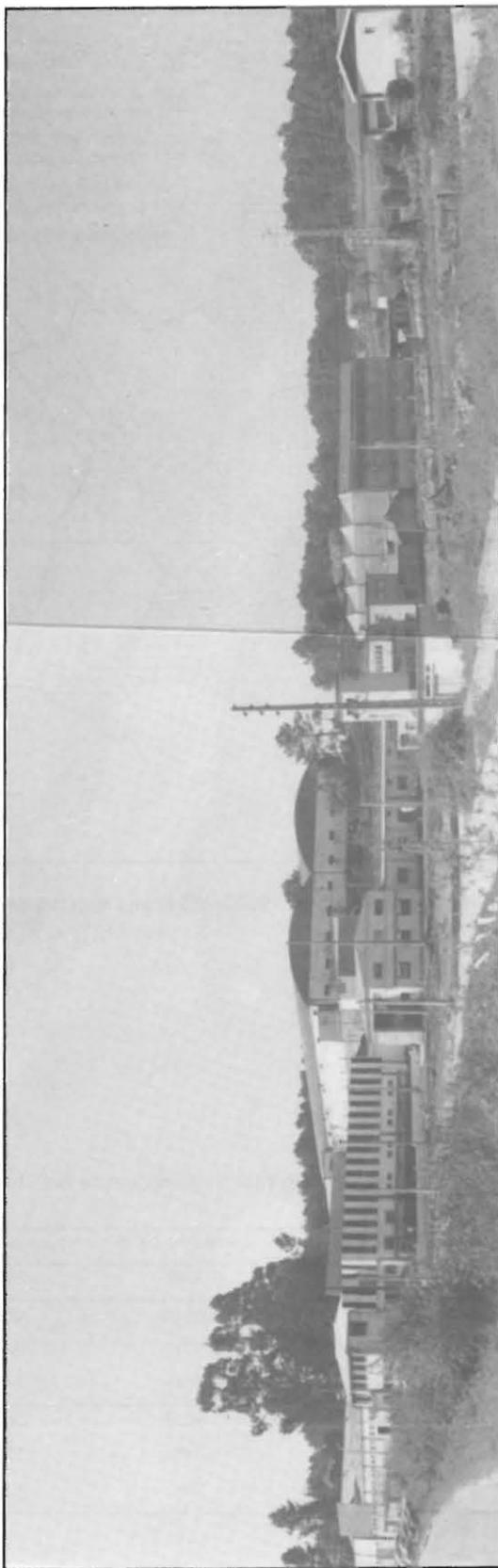


Fig. 7 - Evolução da população, entre 1960 e 1991, no concelho de Águeda

Quadro V - Repartição dos activos agrícolas em função do tempo de actividade na exploração

Tempo de actividade na exploração		100 %	entre 50 e 100 %	menos de 50 %	Total
1968	Patrão agrícola (HF)	2851	646	1951	5448
	Patrão agrícola (HF)	1797	1650	2089	5536
1979	Família (HF)	6828	3953	4430	15211
	Mulheres	5542	1613	1470	8625
	Patrão agrícola (HF)	597	1013	2013	3623
1989	Família (HF)	779	2118	2873	5770
	Mulheres	814	3032	1642	5488

Fonte: INE



Fot. 2 - Difusão da indústria no espaço rural
(foto da autora)

A expansão industrial incontrolada tem levantado problemas ambientais. Com efeito, a ausência dum política de ordenamento e de zonamento do solo reflecte-se na urbanização anárquica e na poluição. A concentração excessiva de fábricas e das zonas de habitação ao longo das estradas principais, transformou-as em ruas, onde os engarrafamentos de trânsito são frequentes. A poluição insuficientemente controlada envenena progressivamente a rede de aquíferos, apesar dos esforços feitos para instalar estações de tratamento de águas residuais.

4.3. Futuro dos distritos industriais

Os sinais de dificuldade de adaptação do distrito industrial às alterações do mercado são evidenciados através do aumento do desemprego e do decréscimo da ratio entre criação e falência de empresas. Igualmente, a transferência para trabalho ao domicílio e a tempo parcial de diferentes fases do processo produtivo anunciam declínio da actividade económica. Esta situação atinge, actualmente, a indústria de ferragens em Águeda. Tudo indica, no entanto, que esta crise está relacionada com o ciclo de vida do produto e, conseqüentemente, terminará com o relançamento do produto inovado.

A diversificação da produção em diferentes sectores, e não interconectados na sua totalidade, reforça a capacidade do sistema em responder à concorrência externa e desenvolver alternativas, repartindo entre os diferentes sectores os riscos da crise.

O distrito industrial de Águeda tem estas características a seu favor. Pelo contrário, o distrito da Marinha Grande tem especialização centrada num único produto - os moldes em aço.

Perante a estrutura apresentada pelos dois distritos analisados, infere-se um estágio de desenvolvimento mais avançado para o distrito de Águeda, relativamente ao da Marinha Grande, sem que, no entanto, possa ser incluído entre os distritos industriais de 2ª geração, ou distrito tecnológico.

CONCLUSÃO

Este modelo de industrialização que apela, fortemente, à subcontratação permite a intensificação das relações entre as empresas. Estas, por sua vez, favorecem a emergência dum espírito de livre iniciativa centrado no crescimento que amplifica e reforça os elementos do desenvolvimento endógeno, baseado nos recursos humanos e financeiros locais. Porém, as PME's, factor-chave do processo, só encontraram espaço, em Portugal, após a abolição da Lei do Condicionamento Industrial. Nos casos analisados, são as indústrias de produtos metálicos que comandam e são os receptores do crescimento, através do intenso sistema de trocas que criam, tanto a montante, como a jusante e com os outros ramos de indústria.

Em resumo, são factores de sucesso: a forte especialização produtiva a nível local; a intensa divisão do trabalho entre as empresas do sistema local, originando densa rede de interdependências produtivas, incluindo a concorrência e a cooperação entre os agentes do sistema; a constituição progressiva dum rede de informação eficaz à escala da área, que garanta ampla e rápida circulação da informação relativa aos mercados, tecnologias, matérias-primas, técnicas comerciais e bancárias...; a consolidação do *savoir-faire*; o fácil relacionamento entre os operadores locais, fornecedores e utilizadores dos produtos intermédios e dos serviços às empresas; a mobilidade social, mobilidade profissional horizontal e vertical, mobilidade de emprego e taxa de renovação das empresas elevada. A estes factores se acrescentam, ainda, o clima de emulação, a emergência e a difusão de pequenas inovações. Estas características explicam que as regiões organizadas em distritos sejam, precisamente, as que registam taxas de crescimento industrial mais elevado. Apesar de, se detectarem factores desfavoráveis ao desenvolvimento, tais como: um terciário deficitário em serviços às empresas (os serviços produtivos); uma política de crédito não ajustada às exigências do sistema e, também, um sistema fortemente atomizado, com uma pluralidade de protagonistas.

BIBLIOGRAFIA

- BARQUERO, A. Vasquez (1988) - *Desarrollo local. Una estrategia de creación de empleo*. Madrid.
- BECATTINI, Giacomo (1990) - "As pequenas e médias empresas e os distritos industriais no desenvolvimento italiano recente". In *Industrialização em meios rurais e competitividade internacional*. Coimbra, p. 11-23.
- BECATTINI, Giacomo (1992) - "Le district industriel: milieu créatif". *Espaces et Sociétés*, nº 66-67, Paris, p. 147-163.
- CAETANO, Lucília (1986) - *A indústria no distrito de Aveiro. Análise geográfica relativa ao eixo rodoviário principal (EN:nº1) entre Malaposta e Albergaria-a-Nova*. Coimbra, CCRC, 2 vol., 863 p.
- CAETANO, Lucília (1987) - "La agricultura a tiempo reducido en el distrito de Aveiro". *Actas del Congreso de Geografía*, Victoria (Espagne), p. 90-101, vol. Area 1.
- CAETANO, Lucília (1990) - "Estructuración de los sistemas productivos locales en espacios periféricos: el caso de Águeda". *Actas III Reunión de Geografía Industrial*, Sevilla, p. 215-222.
- CAETANO, Lucília (1990) - "Estruturação da produção industrial em Águeda: um exemplo de Área-Sistema". *Biblos*, vol. LXVI, Coimbra, p. 1-15.
- CAETANO, Lucília (1992) - "Migrações laborais e valorização do espaço industrial: o caso de Águeda". *Biblos*, vol. LXVIII, Coimbra, p. 421-433.
- CAETANO, Lucília (1992) - "La réponse aux changements technologiques dans une situation périphérique: l'industrie du verre de Marinha Grande (Portugal)". *Revue Belge de Géographie*, 116^e année, Fasc. 1-4, p. 99-105.
- CAETANO, Lucília (1994) - "Padrões de desenvolvimento industrial em Portugal na última década". *Cadernos de Geografia*, nº 12, Coimbra, p. 13-24.

- CONTI, Sergio (1988) - "The italian model and the problems of the industrial periphery". In *Peripheralisation and industrial change. Impacts on nations, regions, firms and people*. ed. GJR Linge, Ed. Croom Helm, pp. 37-52.
- FISCHER, André (1992) - "Stratégies spatiales, stratégies de développement: à propos de l'essor des petites et moyennes entreprises". *Espaces et Sociétés*, n° 66-67, Paris, p. 165-184.
- GAROFOLI, Gioacchino (1982) - *Sviluppo periferico e sistemi produttivi locali*. Economia Marche 1.
- GAROFOLI, Gioacchino (1992) - "Les systèmes de petites entreprises: un cas paradigmatique de développement endogène". In *Les régions qui gagnent*, ed. George BENKO, Alain LIPIETZ *et al.*, édition PUF, p. 57-80.
- HOUSSEL, Jean-Pierre (1990) - "L'industrie spontanée en Italie". *Annales de Géographie*, n° 554, p. 420-440.
- LORENZONI, G. (1982) - "Una tipologia di produzioni in conto terzi nel settore metalmeccanico", in BELLANDI *et al.*, *Restrutturazioni Industriali e Rapporti fra Imprese*. Milan, Franco Angeli.
- QUÉVIT, Michel (1986) - *Le pari de l'industrialisation rural*. Paris, Ed. Anthropos.
- SEGRE, Anna (1986) - "Change in a textile industrial area in Northern Italy". In: *Industrialization in developing and peripheral regions*, ed. F. E. Ian HAMILTON, Ed. Croom Helm, p. 136-148.
- SILVA, Pedro Almeida da (1987) - *Parque Industrial de Águeda*. Águeda, AIA, 32 p.